

Espíritos clássicos

Em busca da gratificação dos sentidos

WILLYS DE CASTRO

- *Gabinete de Arte Raquel Babenco, São Paulo*

TUNEU

- *Galeria Bonfiglioli, São Paulo*

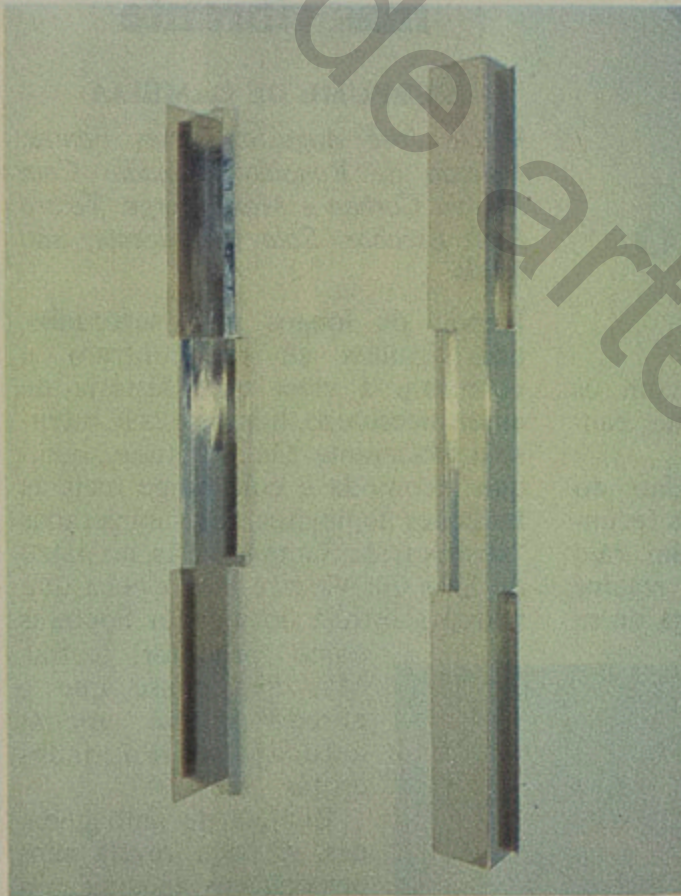
Quando Willys de Castro – um ativo ex-integrante dos movimentos de

dução e se preocupa menos com a imagem do total de sua obra que com o desenrolar de cada fase. Além disso, embora nasçam da mesma árvore – a da arte construtiva –, a escultura de Willys e a pintura de Tuneu em nada se parecem. Na primeira sobrevive o rigor geométrico de quem no Brasil foi pioneiro e fez

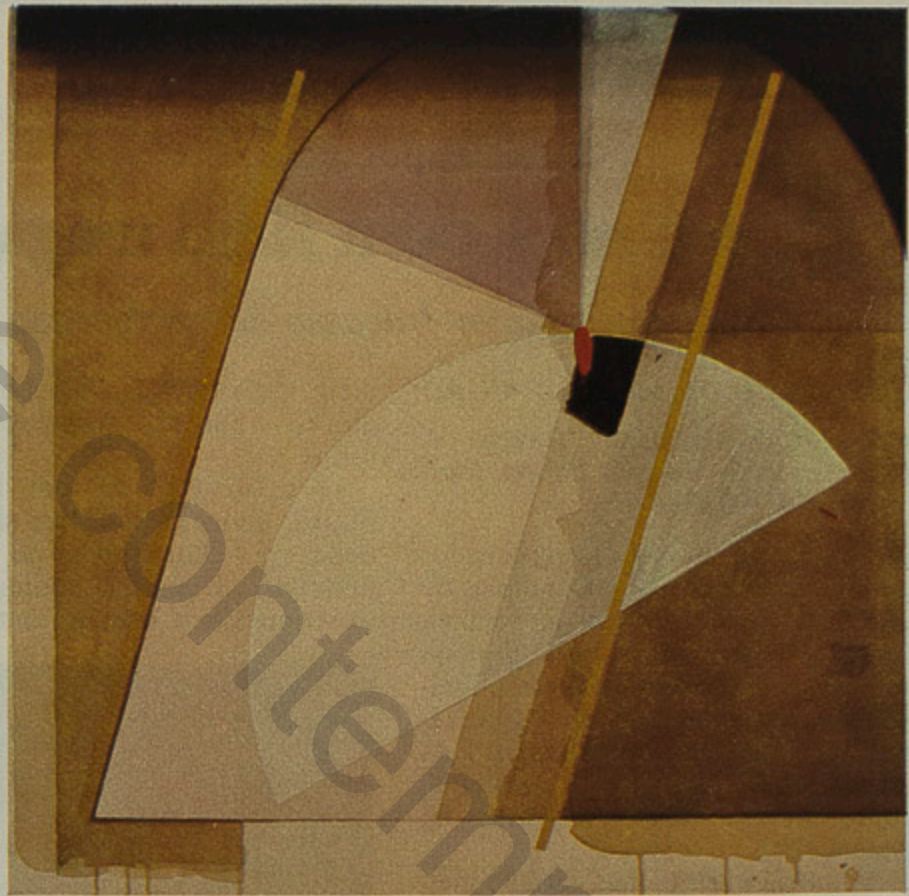
mentos isolados. A construção organizada de uma forma que é idéia, ao invés da dispersão e da excitação de emoções.

A atual proposta de Willys retoma quase literalmente seu trabalho de há vinte anos. São esculturas minimalistas, ligeiras inserções de severas linhas no ambiente, algumas peças que devem ser colocadas em quinas de paredes, das quais saem como que aletas que subdividem e investigam o espaço ao redor. Tuneu é menos programático, embora todos os seus quadros sejam variações sobre um mesmo tema, intitulado *Considerações sobre um Relógio de Sol*. E pode parecer um pouco estranho falar em classicismo diante da

BIO ZENHA



Willys de Castro: perfeccionista



Tuneu: uma geometria para brincar com a fantasia

vanguarda dos anos 60 e 70 – fez sua última individual antes desta, o pintor Tuneu não tinha sequer começado sua carreira. Mas, na verdade, não é este pormenor de gerações o que os separa. Eles se distinguem, em especial, por seus temperamentos e até pela maneira como encaram seu trabalho. Willys, mineiro nascido em 1926, é um perfeccionista obsessivo, que mantém com o ato de criar ambíguas relações de amor e sofrimento e leva a auto-exigência (ou a introspecção?) a ponto de ficar mais de vinte anos sem expor. Tuneu, paulista nascido em 1948, trabalha com visível prazer e até leveza, mostra com regularidade a sua pro-

parte do movimento neoconcreto. Na segunda a geometria é colorida e translúcida e serve de pano de fundo para brincar com a fantasia.

A coincidência no tempo de suas atuais exposições nos permite observar, até com um pouco de surpresa, duas facetas contrastadas de um mesmíssimo cristal. Poderíamos chamá-lo de “o espírito clássico”. Tanto Willys como Tuneu, na verdade, encarnam essa vertente estilística, que se opõe ao romantismo e suas variantes – o gótico, o barroco. O que desejam é a clareza inteligível da proposta e da obra: o predomínio de valores como equilíbrio, medida e harmonia sobre a expressão de senti-

vocação vanguardista de Willys ou de uma obra em plena evolução como a de Tuneu.

Mas o fato é que a poeira dos anos 60 assentou, e o que na época era polêmica em Willys mostra hoje sua faceta de permanência. Basta, igualmente, observar a coerência subjacente às diversas fases de Tuneu para ver que ele também deseja o permanente. Na obra de ambos o prazer intelectual se soma à gratificação dos sentidos. Como dizia Leonardo da Vinci, a arte é *cosa mentale*. O talento está em saber fazer-nos sentir isso – em vez de demonstrá-lo com um discurso.

Olívio Tavares de Araújo▲